

Jornal Oficial

MUNICIPIO DE BELMONTE
ESTADO DA BAHIA

ANO 17—53. DA REPÚBLICA—

Belmonte— Sabado, de 16 Maio de 1942.

—N. 231

Mobilisação do Espírito Nacionalista

Quanto mais ausculto a alma do nosso povo, que me parece calma e confiante, resignada e quasi indiferente às desgraças que atormentam outros povos e aos perigos que a nós diretamente ameaçam, mais alarmado penso na brutal realidade que de um momento para outro o surpreenderá, rasgando-lhe, de chofre, um cessario terrível para a representação de mais um tragico e doloroso drama da humanidade.

E é, então, que me convenço: O Brasil precisa despertar! Precisa despertar antes que seja muito tarde. Isto de "dormir eternamente em berço esplendido" já não é partido, num momento em que livres só serão as nações despertas, os povos unidos, as coletividades conscientes.

Infelizes de nós se uma onda de nacionalismo puro não varrer de nossas costas, por sinal tão largas, a desunião dos brasileiros! Passaremos a sub-nação, a povo-escravo, a pasto de odios e vinganças alheias.

Uma campanha de união nacional deve vir e vencer as relutâncias e as paixões deste momento. Ou cada qual esmagará as suas ambições, as suas vaidades, as suas prevenções, e tudo isso pelo bem comum, ou teremos de assistir a derrocada de uma grande nação, que pode ser livre, forte e afortunada, mas que a insânia de alguns poderá tornar desgraçada, enfraquecida e escrava.

Se quisermos escolher o nosso proprio destino, devemos mobilizar as reservas humanas do paiz para a defesa comum. Ao contrário, não seremos nós que nos conduziremos. Outros nos conduzirão, decerto. E não será para a grandeza, nem para a liberdade, mas para a miséria e para a escravidão.

Ha um grito de sentido profundamente patriótico, que repercute pelo paiz inteiro: "Guerra à Quinta Coluna!" Bem compreendido, esse grito deve encontrar eco em todas as almas brasileiras. Brasileiros, notem bem. Porque se alguém não a recebe com agrado ou a repele, então já está predisposto para entregar o paiz a mãos estranhas, e, consequentemente, já se naturalizou no sinistro consulado da traição. Esse, já não será brasileiro. Esse, já traz em si a marca da escravidão. Já está ferreteado, pelo destino, como homem sem patria, que a vende ou que a entrega ao estrangeiro para servir-se dela como "terra de ninguém".

"Guerra à Quinta Coluna!" é um grito que ecoa profundamente em meu espirito. Mas a "Quinta Coluna", para mim, no meu entendimento, não é composta de todos aqueles que, em dado momento, quando não era tão grave a situação universal, encheram-se de ideologias estranhas e preferencias politicas. Nem mesmo dos que, até a quebra da neutralidade do Brasil, preferiam a vitoria para esta ou aquela das nações beligerantes. "Quinta colonista", no Brasil, é, no meu entendimento, aquele que, hoje, esquece os seus deveres de brasileiro para facilitar a espionagem ou a conquista de outras nações e a vitoria dos povos que por gosto ou por necessidade nos combatem. E é ainda aquele que, filho de nação estrangeira, esquece a sua condição de hospede para conspirar contra a nação que o abriga, que lhe garante o trabalho, a liberdade e a vida.

Essa, sim, a "quinta-coluna" que se deve descobrir e combater. Essa a gente que não merece quartel mas que deve encontrar no Brasil, brasileiros, com capacidade de vi-

gilância e de ação, severa e punitiva, em nome do patriotismo bem sentido, em nome dos brios civicos e da dignidade humana.

A União Nacional é que deve ser uma bandeira de mobilisação para a defesa do Brasil. Nada de recentimentos. Nada de recalques. Nada de prevenções, de odios, de vinditas. O dever de vigilância, esse sim é que é sagrado. Cada um de nós deve aliar á generosidade e tolerancia para com os compromissos que muitos tiveram no passado, a severidade de observação e punição, daqui para o futuro.

A mim, por exemplo, não importa que alguém tenha sido partidario de ideais totalitarios. A mim não interessa, que este ou aquele tenha tido preferencias pela vitoria de inglezes ou de alemães, de italianos ou de gregos, de japonezes ou norte-americanos. O que importa é saber se ele defenderá sinceramente o Brasil contra qualquer agressor, mesmo que seja o de sua antiga preferencia, ou se está disposto a facilitar a espionagem ou a conquista do estrangeiro no solo de nossa patria.

Para mim, podem vir juntos antigos integralistas e antigos comunistas. Contanto que tragam, por principio, defender o Brasil, esquecendo os seus antigos ideais e as suas particulares simpatias de outros tempos.

Mas, não será o simples compromisso de palavras que bastará ao juramento. Ai é que deve entrar em ação o exercito de vigilância, a que também pertenco, o verdadeiro exercito de defesa da Patria para distinguir o patriota o "quinta-colonista", —o que tomará armas, em dia, por nós ou contra nós.

Não nos devemos iludir: o mo-

mento brasileiro é de profunda gravidade. Não tanto, talvez, pela possibilidade imediata de uma ação estrangeira contra nós, como pela perspectiva inquietante de uma luta interna a serviço de outros povos, de outras terras, e de outras bandeiras.

Se o Brasil despertar, ha de ver como a historia desta guerra já está cheia de exemplos dolorosos.

A França, a pobre França, foi vitima de sua estúpida irresolução. Partidario do nazismo, uns, partidarios do comunismo, outros deixaram os verdadeiros nacionalistas sem ação e sem defeza. Vêio a guerra. O povo, os politicos, as forças armadas, tudo estava dividido. A maioria, infelizmente, não via mais a bandeira da França. Via, encantada, outras bandeiras, que depoisse entrelaçaram festivas, numa incrível farça historica, nas ruas de Berlim e de Moscou, e que agora se defrontam e se rasgam sobre as neves e as estêpes da Russia. O resultado, para a França, foi a derrocada. O Paiz, cheio de nazistas e de comunistas, era uma França sem francezes. E agora, o triste epilogo:— um governo humilhado e submisso em Vichi, um povo vassalo e taciturno em Paris, uma população faminta e escrava, que perdeu o penache da bravura e não sabe como lavar a nodoa historica com que a desunião manchou a bandeira da França.

A Rumania! Pobre da Rumania! Com um governo sem vontade, que vacilava entre a direita e a esquerda. Partidos de outras nações minavam a resistencia nacional. Mantinha-se, por vezes, numa "guarda de ferro" que pertencia mais ao Reich que á Rumania. E foi o que se viu:—a queda da liberdade; revoluções tremendas, crimes sucessivos; a guerra civil como todos os seus horrores; o vandalismo, pelas ruas, sacrificando a vida dos rumenos em holocausto á vitoria da Alemanha ou da Russia. Agora, um governo-titere e um povo que por não se unir, se escravizou, a ponto de fazer a guerra para os outros, depois de ter enlutado quasi todos os lares da nação.

Ser "quinta-colunista" é preparar o Brasil para ser França ou Rumania. Se não desejamos imitar aqueles povos infelizes, só nos resta um caminho:—Fazer com que

os brasileiros sejam todos Brasileiros, por amor á terra e defeza á familia. Nada de ideologias estranhas. Nada de prevenções politicas. Nada de restrições imprudentes. A "quinta-coluna" também explora esses setores.

Sejamos senhores de nós mesmos. O governo delibere, o povo cumpra. Ninguém deve, por agora, especular, se o regime é bom ou mau, se o governo convem ou não convem. O momento, de tão grave, não comporta essas indagações.

Acham, muitos, que ainda é cedo para o governo nos exigir sacrificios. Que não nos deve impor mais trabalho, nem esforço de guerra. Que ainda não nos deve preparar para a luta. E falam am perigo remoto. E invocam velhos sonhos de paz e de isolamento.

A ingenuidade de outros povos já nos revelou que tudo isso está errado. Quem não fizer sacrificio, agora, pelo seu povo e pelo seu paiz, será chamado amanhã a fazê-lo pelos dominadores. Quem não quizer trabalhar agora, como homem livre, trabalhará como escravo, amanhã, sob o tacão do feitor. Quem não quizer lutar pela sua bandeira, lutará depois, a pulso, por bandeiras alheias.

Ninguém pense que um dominio estrangeiro no paiz, reconhece, no primeiro momento, os seus simpatizantes. Todos sofrerão rudemente. Até os indiferentes, até os passivos, até os traidores, até os "quislings". Todos terão mais trabalho e menos pão; mais sacrificio e menos paz de espirito. Uma ocupação estrangeira é sempre violenta e impiedosa. Não reconhece direitos, não olha tradições, não respeita costumes. Invade quarteis e lares, de adversarios e de amigos. Impõe-se pela força. Ninguém julgue ser facil acomodar-se com o estrangeiro contra os seus irmãos de raça ou de Bandeira.

Trabalhemos pela União Nacional. Cabe aos homens insuspeitos, que nunca penderam para ideais totalitarios, fascista ou comunista; que nunca festejaram o atual regime do Brasil, por questão de principios; que são os mais seguros e decididos baluartes da ordem, por vocação democratica; o papel deliberado de estimular, nestes momento historico, a maior soma possível das reservas humanas para a defeza do paiz. Nação unida, é nação

Coletoria Estadual de Belmonte

EDITAL

O Coletor Estadual de Belmonte, tendo em vista o art. 1.º do Decreto-Lei n. 12.160, de 12 de Dezembro de 1941, que alterou os prazos para pagamento do imposto de **Bebidas Alcoolicas**, convida aos **Snrs. Contribuintes** à apresentarem até o fim do corrente mês, suas declarações a esta Coletoria, do movimento das vendas a retalho de *bebidas alcoolicas* realizadas no ano anterior, afim de que a mesma proceda ao lançamento e cobrança do mencionado tributo.

Esclarece mais aos Snrs. Contribuintes, que as declarações devem abranger todas as vendas a retalho, de Janeiro a Dezembro de 1941.

Belmonte, 12 de Maio de 1942.

(a) *João Alves d'Oliveira Filho.*
Coletor Interino.

"Os interesses do Continente Americano são também os interesses do Brasil. Tenha confiança, a America Vencerá".

forte. Povo unido, é povo viril. Essa conciencia levada a todos os espiritos brasileiros, reduzirá ao termo minimo a ação dos espiões e dos traidores.

A Grecia e a França são os dois polos desta guerra. A Grecia foi vencida. A França foi conquistada.

Se o Brasil, com a população da França, tomar a deliberação da Grecia, ficará, decerto, impermeavel á invasão estrangeira. E só assim escolherá o seu destino, como os povos livres.

Carlos M. Monteiro.

(Transcrito do "Diario d'A Tarde" de Ilhéos.